

***TRANSFILOSOFIA SENTIPENSANTE: RE-
LIGAÇÕES ECOSÓFICAS EM TEMPOS DE
COLONIALIDADE GLOBAL – OBRIGADO,
AMADO JESUS CRISTO!***

***SENTIENTHINKING TRANSPHILOSOPHY:
ECOSOPHICAL RE-LINKS IN TIMES OF GLOBAL
COLONIALITY – THANK YOU BELOVED JESUS
CHRIST!***

**MILAGROS ELENA
RODRÍGUEZ**

Universidad de Oriente, Núcleo de
Sucre, Departamento de Matemáticas,
Venezuela

melenamate@hotmail.com



Resumo: Ó Espírito Santo, obrigado por bater à minha porta, entrar em minha vida e transbordá-la de alegria. Guarde nosso caminhar, ande e preserve com esmero o que Deus inspirou! A *Revista Isagoge de Ciências Humanas e Sociais*, em nosso amado Brasil, com seus magníficos editores seres excepcionais; com o dom da pessoa nos uniram em um convite de dossiê, aceitei de forma responsável e muito gratificante, por isso, reitero o Obrigado! O compromisso apresentado à humanidade está centrado em essências decoloniais, planetárias e

complexas da filosofia. É fundamental responder: filosofia colonizada? Sim. Sem dúvida. A decolonialidade planetária se refere ao processo que visa transcender historicamente a modernidade-pós-modernidade-colonialidade; ou seja: o projeto libertário de reconciliar a filosofia com a libertação, pensando nas vítimas soterradas, mesmo no século das tecnologias, em nosso sentipensar e nas filosofias latino-americanas; mas também nas africanas; e, portanto, nas planetárias; com a necessidade de que a díade decolonialidade planetária - complexidade incite a ser libertadora, que contribua para a Terra como pátria. A ciência-filosofia-teologia transcende o pensamento disjuntivo. É um exercício que vai em escala e transcendência em minhas linhas de pesquisa. Com grande alegria, dando honra, glória, honra e poder ao meu Deus Pai, apresento o *dossiê intitulado: Transfilosofia Sentipensante: Re-ligajes ecosóficos en tiempos de colonialidad global; para beneficio de la humanidad (Transfilosofia Sentipensante: Vínculos ecosóficos em tempos de colonialidade global; para o benefício da humanidade)*. A chamada de trabalhos foi excepcional, os textos científicos estão interligados e formam um tecido epistêmico de real valor que vai além dos eixos temáticos. Os pesquisadores, com extraordinária eloquência, atestaram a máxima: *libertação da filosofia à luz da complexidade da decolonialidade planetária*.

Palavras-chave: Decolonialidade planetária. Dossiê. Transfilosofia Sentipensante.

Abstract: Oh Holy Spirit, thank you for knocking on my door, entering my life and filling it with joy. Protect our walk, walk and carefully preserve what God has inspired! *Isagoge Journal of Humanities and Social Sciences*, in our beloved Brazil, with its magnificent editors, exceptional beings; With the gift of the person they have joined us in a dossier invitation, I have accepted in a responsible and very gratifying way, for this reason, I reiterate my thanks! The commitment that is presented to humanity is focused on planetary-complex decolonial essences of philosophy. It is

vital to answer: the colonized philosophy? Yeah. Definitely. Planetarily, decoloniality refers to the process aimed at historically transcending modernity-postmodernity-coloniality; that is: the libertarian project to reconcile philosophy with liberation, thinking of the victims still buried in the century of technologies, in our sentiments and in Latin American philosophies; but also the African ones; and so the planetary ones; with the need for the planetary decoloniality-complexity dyad to encourage it to be liberating, to help the Earth as a homeland. Science-philosophy-theology transcend disjunctive thinking. It is an exercise that goes in scale and transcendence in my lines of research. With great joy giving honor, glory, honor and power to my Father God, the dossier entitled: Sentient-thinking Transphilosophy: Ecosophical Re-linkages in times of global coloniality is presented; for the benefit of humanity. The call has been exceptional, the scientific texts are linked and put together an epistemic fabric of real value that goes beyond the thematic axes. Researchers, with extraordinary eloquence, have attested to the maxim: liberation of philosophy in the light of planetary-complexity decoloniality.

Keywords: Planetary decoloniality. Dossier. Sentithinking transphilosophy.

I. Primeiros e motivações do dossiê: *TRANSFILOSOFIA SENTIPENSANTE: LIGAÇÕES ECOSÓFICAS EM TEMPOS DE COLONIALIDADE GLOBAL*

A Isagoge Journal of Humanities and Social Sciences é uma revista acadêmica online de acesso aberto, revisada por pares, multidisciplinar e totalmente arbitrada do nosso querido Brasil, que se concentra em teorias, métodos e aplicações que podem ajudar a nossa compreensão das ciências humanas e sociais. Esta revista convoca, a partir do dia dezenove (19) de janeiro de 2023, o dossiê monográfico intitulado: *Transfilosofia sentipensante: Re-ligajes ecosóficas en tiempos de colonialidad global*, organizado por Milagros Elena Rodríguez, cristã, venezuelana, professora aposentada da Universidad de Oriente (UDO). Sou uma pesquisadora ativa que ocupa os três (3) primeiros lugares nos índices ditados pelo AD Scientific Index no UDO 2023 e os cinco (5) primeiros em 2022. Atualmente sou tutor externo na Multiversidad Mundo Real Edgar Morín, México. Membro do Instituto Científico Francisco de Miranda, Budapeste, Hungria. Tenho mais de 300 publicações de pesquisa em revistas científicas nacionais e internacionais de alto impacto revisadas por pares. Mais de 20 livros e capítulos publicados.

O dossiê: *Transfilosofia sentipensante: Re-ligajes ecosóficas en tiempos de colonialidad global tem como objetivo* reunir artigos que abordem a desvinculação da filosofia global tradicional modernista-pós-modernista-colonial, que foi classificada, assim como a ciência, no desastre da colonialidade global (RODRÍGUEZ, 2022a). Trata-se de descolonizar a filosofia em escala planetária e injetar o pensamento sentimental a partir da desvinculação

(RODRÍGUEZ, 2019) desse desvio de categorias complexas como ecosofia, diatopia, condição humana; pensar o ser humano em toda a sua complexidade: natureza-corpo-mente-alma-espírito-Deus (RODRÍGUEZ, 2022b). A expressividade da primeira e da terceira pessoa, do singular ao plural, não deve ser incluída; nossa libertação nos diz que isso pertence ao sentipensar daqueles que escrevem para você: Milagros Elena Rodríguez.

É claro que vamos à filosofia antiga, que dita a máxima de que a razão não está apenas alojada na mente, mas na alma e no espírito; onde o prefixo *trans* significa além, portanto, transfilosofia além da filosofia; o que não significa uma varredura da filosofia. Assim, a decolonialidade planetária se refere ao processo de transcender historicamente a modernidade-pós-modernidade-colonialidade (RODRÍGUEZ, 2021a); o projeto libertário de reconciliar a filosofia com a libertação, pensando nas vítimas da modernidade-pós-modernidade; e com a díade decolonialidade-complexidade planetária como filosofia libertadora que contribui para a Terra como pátria (RODRÍGUEZ, 2022b).

As propostas de pesquisa estão vinculadas aos eixos que compõem a chamada temática, com foco em: pensamento complexo e decolonialidade planetária na desvinculação da colonialidade da filosofia. A decolonialidade planetária e as pedagogias decoloniais complexas na formação de profissionais com transfilosofia sentipensante. Transfilosofia e projetos decoloniais planetários na pesquisa transmetódica na formação de professores. A reconstrução geral de teorias, métodos e aplicações que podem ajudar nossa compreensão das ciências humanas e sociais com as contribuições da transfilosofia. Contribuições da filosofia descolonizada, da transfilosofia, para problemas planetários nas ciências humanas e sociais e (ou) sua complexificação com todas as ciências.

O que motivou o dossiê em sua temática, sem dúvida, foi Deus que dá sabedoria em seu infinito amor; nesses momentos, fiquei pensando em meu legado de vida, no que me move e me redime com os dons que Deus me dá, e que com muita humildade dedico meus frutos. E assim, com isso, mantive o que estava começando com ardor: *Transfilosofia Sentipensante*, um livro que publiquei no ano de 2022. Apenas em setembro, durante minha visita ao paramo merideño, em Apartaderos, nos Andes venezuelanos, vindo de Itapetininga, Brasil, recebi a notícia das Edições Hipótese, das mãos do Editor Dr. Ivan Fortunato, de sua publicação.

Mas *o que é transfilosofar?* Nesse livro maravilhoso, eu afirmo o seguinte:

Transfilosofar é retornar à teologia e à ética cristãs na filosofia, é revitalizar a filosofia antiga para as necessidades atuais e incluir as perspectivas filosóficas latino-americanas, do conhecimento ancestral colonizado; a filosofia do oculto, do enterro da humanidade; mas também da filosofia ocidental liberada e descolonizada (RODRIGUEZ, 2022a, p.27).

Mas cuidado, entretanto, para não desperdiçar os benefícios da filosofia ocidental, mesmo sem um prelativo transfilosófico.

É deixar de se curvar à ciência colonizada e voltar à criticidade e às perguntas iniciais da filosofia; é questionar as ciências à luz de seu reducionismo; subvertê-lo com uma inclusão de primeira ordem; é descolonizar a própria filosofia, o que inclui a latino-americana; mas não só isso, é a filosofia da Terra como pátria (RODRIGUEZ, 2022a, p. 27).

A pesquisa que toma forma como um livro motivando o tema do dossiê, é argumentada além da filosofia, mas com sua decolonialidade nos ajuda a complexificar o ser humano, como *natureza-corpo-mente-alma-espírito-Deus* e nos ajuda a nos renovar como cientistas, pesquisadores, professores, como filhos de Deus, como seres pensantes que reconhecem que a razão não está apenas alojada na mente, mas na alma e no espírito, retornando assim aos filósofos antigos; portanto, nos renovamos como

Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha, porque o remendo, ao encolher, arranca o novo do velho, e faz-se um rasgão pior. E ninguém põe vinho novo em odres velhos, porque então o vinho rompe o odre, e o vinho se perde, e também os odres; mas põe-se vinho novo em odres novos (UNITED BIBLE SOCIETIES, 1960 pg.1355; Mc 2:21-22).

O livro *Transfilosofia Sentipensante* é escrito transmetodicamente, pois vai além dos métodos colonial-modernistas-pós-modernistas, sob o lema de que a decolonialidadeplanetária é apodítica da complexidade em qualquer de suas manifestações (RODRÍGUEZ, 2021b) (RODRÍGUEZ, 2021c) (RODRÍGUEZ, 2022d). O sobrenome planetário tem um sentido especial, quando a decolonialidade carrega injetadas as ervas daninhas que se arrastam da colonialidade e se disfarçam nos exercícios atuais, onde sabemos que nenhum exercício de governo até agora na Terra e em seus sistemas foi decolonial planetário; quero esclarecer com Walter Mignolo que o pensamento decolonial, que obviamente subverte a modernidade-pós-modernidade-colonialidade, "não é mais esquerda, mas outra coisa: É o distanciamento da episteme política moderna, articulada

como direita, centro e esquerda; é a abertura para outra coisa, em movimento, buscando a si mesma na diferença" (MIGNOLO, 2008, p.255).

Temos que levar em conta que "o termo planetarização contém em sua raiz etimológica a ideia da aventura da humanidade. Compreender essa aventura e seu possível destino é o principal desafio da educação planetária e, nesse contexto, é primordial para alcançar uma civilização planetária (MORÍN; ROGER; MOTTA, 2003, p. 80-81). Onde a decolonialidade planetária clama pela justiça do conhecimento na filosofia que reforma e desvincula as mentes, que todo conhecimento seja considerado de onde quer que venha, sem subtração, e que a única coisa que exclui a decolonialidade planetária na filosofia são os projetos de subversão.

A decolonialidade planetária deve abordar, na *Transfilosofia Sentipensante*, a colonização dos valores, da família, da depravação e da falta de solidariedade; o perdão, o amor e a unidade do amor de Jesus Cristo e seu favor na graça dada para a salvação. Isso deve começar por nossas ações em comunidade: "a planetarização é o respeito por nossa casa, cuidando de nossos países com um sentimento transnacional, com um pé aqui e um pé no planeta. É desmistificar-nos de nossas tramas de egoísmo e velhas brigas; como se o que acontece com o outro não pudesse nos afetar" (RODRÍGUEZ; FORTUNATO; ALVES, 2022, p.4). Até quando a falta de amor marca nossas ações?

Então, nessa motivação, eu queria ouvir as vozes daqueles que compartilham esse sentimento e, com o que sentipensando começou, eu propus em dossiê, dar a oportunidade para aqueles que com perspectivas decoloniais, planetárias-complexas podem publicar suas indagações; e muitos deles foram para vários dos meus textos revisados em livros de minha autoria; em que com especial valor continua a manifestar que nos estudos da colonialidade é imperativo advertir a filosofia e seu rapto ao ocidentalismo, o abandono da filosofia antiga, e a separação da teologia da filosofia e esta última das ciências.

No processo de antítese da colonialidade global, um projeto que vai em direção à libertação das vítimas denominado decolonialidade planetária, a filosofia desempenha um papel essencial, pois também ela, assim como a ciência, tem um sentido colonial, elitista; foi separada da filosofia que trata do ser humano em toda a sua complexidade e da ética, bem como da religião; portanto, seu reducionismo deve ser descolonizado para que nela se volte a atenção às questões originais do filosofar de forma complexa: O que é o homem? Qual é o seu papel na terra? (RODRÍGUEZ, 2022a), entre outras questões de valor transcendente do ser humano.

A filosofia não escapou da colonialidade, de várias formas de colonialismo, como o colonialismo intelectual, onde o colombiano Fals Borda tem estudos contra as influências eurocêntricas da atividade científica; contra a ineficácia pragmática de nossa ciência acadêmica do Ocidente; contra o desperdício da sabedoria popular (SEPÚLVEDA, 2018); da filosofia do Sul, mas também do Sul global: dos esfarrapados da vida no planeta.

Minhas motivações vão em um compromisso de amor, cristão pela humanidade; com a convicção de que Jesus Cristo é o salvador por ser o único libertador da humanidade capaz de transcender nossa alma e espírito em um novo corpo para a nova terra. Em um reinado perfeito com nosso Senhor. Como cientista, eu me regozijo com a graça de Deus. Meu compromisso é com Ele, como cidadão do céu, um embaixador na Terra, faço o melhor que posso para servir ao ser humano que pode ser capaz de compreender o amor de Deus. Sei, por meio das parábolas de nosso amado Jesus Cristo, que buscar onde não é aceito é arar no mar, despejar vinho novo em odres velhos; mas devo tentar o meu melhor.

Estou emocionado com essas belas tarefas do dossiê em que, sem a experiência das gerências nas revistas, como com o filho de Sofronisco e Fenáreta, parentes de Aristides, o Justo: Sócrates, filósofo da Grécia Antiga, que era a mão da justiça, do amor e da virtude; e o conhecimento de si mesmo; e que emitiu um lema que ainda é válido na era da tecnologia, em busca das luzes da sabedoria: o lema é o seguinte: *pela psique nos distinguimos como sábios ou loucos, bons ou maus, uma miscelânea de inteligência e caráter*. Mas minha paixão pela filosofia antiga também me leva de volta, independentemente da época, à sabedoria maia e egípcia. A civilização maia, digna inventora do número zero (0). Maravilhosas filosofias matemáticas que nos permeiam em profundos pensamentos metacognitivos.

Outro lema socrático: só há *um bem: o conhecimento, só há um mal: a ignorância*; aos quais devemos prestar atenção. Mais ainda, quando há uma luz que ilumina o entendimento; na palavra de Deus: a sabedoria, onde reside o verdadeiro conhecimento inequívoco; o mais alto nível de inteligência espiritual a que poucos chegaram, pois a iluminação do Espírito Santo, Deus conosco, é a fonte de *Sophia, Σοφία*, pois seus ensinamentos "são a fonte da sabedoria, e ela nos ensina a obedecer a seus mandamentos eternos" (ECCLESIASTIC, 1:5).

II. Pesquisa publicada no dossiê, amor à sabedoria e integridade libertadora

A pesquisa catalogada em artigos e resenhas que compõem o dossiê, com amor à sabedoria e à plenitude libertadora que possibilitam a conformação da temática da *Transfilosofia sentipensante em re-ligações ecosóficas em tempos de colonialidade global*, nós a expomos a seguir, a partir das vozes de seus protagonistas.

A mulher cristã venezuelana, proponente do dossiê, Milagros Elena Rodríguez, faz sua contribuição ao dossiê, intitulando sua investigação: *decolonialidade planetária - pensamento complexo na desvinculação da colonialidade da filosofia*. Nela, ela expressa que insta a díade "decolonialidade planetária-pensamento complexo na filosofia complexifica as concepções do ser humano: natureza-corpo-mente-alma-espírito-Deus; com o que engloba o conhecimento ancestral em sua essência". Para isso é necessário encontrar as essências perdidas, a filosofia nessa díade, que dão contribuições do conhecimento ancestral; portanto, de seus portadores para a tão almejada recivilização e salvação da terra. No momento propositivo da hermenêutica compreensiva, ecosófica e diatópica com a qual se realiza a investigação, afirma-se que "é um alerta combinar filosofia - ciências; se ambas não passarem pela complexidade da decolonialidade planetária, terão sido sequestradas pelo mesmo mal da colonialidade; e será uma questão de exercícios colaborativos de filosofia e ciência; sem fundir seus fundamentos".

A pesquisadora Mireya del Valle Mirabal Rodríguez, cristã venezuelana da Universidade Bolivariana da Venezuela, faz uma contribuição excepcional a partir de sua linha de pesquisa, em seu artigo intitulado: *estratégias complexas em educabilidade - educação universitária municipalizada - imaginários sociais complexos*. Para isso, ela recupera o conceito moriniano de estratégias complexas, aquelas com as condições de: sistema, circularidade, dialógica, causalidade complexa, interações, círculos polirrelacionais e religação; essências que Dora Arroyave retoma em seus estudos em Mundo Real Multidiversidade Edgar Morín. Mireya Mirabal Rodríguez nos diz que a Educação Municipal "precisa ser concebida de forma inclusiva, onde o aluno seja aceito como ele é, respeitando sua condição humana, sua diversidade cultural, e com a merecida atenção aos seus espaços geográficos desde o local, o regional e vice-versa; para ir ao reencontro das comunidades que reivindicam ser reconhecidas com seu repertório cultural". Eu o convido a absorver a investigação e suas urgências.

Jairo Portillo Parody, homem venezuelano do páramo que sonha com o mar; jubilante, como ele diz, da Universidad de Los Andes, Trujillo, em seu artigo intitulado: *Del páramo vengo. Um ensaio fotográfico sobre caminhar, meditar e filosofar nos Andes venezuelanos*, ele nos

diz que "tentou tocar o paradoxo de escrever... em um país exausto por sua situação. Personagens e histórias com toda a verdade. Não há controle do tempo e da idade. Um pacto de nostalgia entre a narração e as fotografias". É a lente de sua câmera itinerante que fala de dor, amor e necessidades em uma Venezuela que clama por libertação; é por isso que Portillo Parody diz que "tentamos harmonizar o que aprendemos com os outros com o que carregamos dentro de nós: pré-julgamentos de metodologias de pesquisa e formação de professores". Sem dúvida, devo dizer que, em imagens maravilhosas, ver a nós mesmos na expressividade do ser é urgente para a revelação de nós mesmos.

Continuando com a Venezuela, o cristão venezuelano José Gregorio Lemus Maestre, pesquisador da Universidad de Oriente, Cumaná, com seu artigo: Transfilosofia sentipensante en la universidad, un preludeo inacabable, faz honra ao tema do dossiê e à nossa querida Universidade, a qual com dor hoje nos referimos na destruição de seu recinto e no epistemicídio que denuncia seus filhos errantes pelo planeta; nossa Alma Mater o abrigo que nos viu crescer como seres humanos; peregrinação que nos incita a lutar; os udistas percorrem o planeta em uma emigração que grita de dor pela destruição de seu país; ali nos expressa o Dr. José Gregorio Lemus Maestre: "As comunidades são agentes sensíveis de primeira essência, por isso é necessário um compromisso docente na formação da cidadania a partir do movimento pedagógico comunitário. Os universitários devem coincidir em um clima de compreensão da totalidade da realidade em suas partes e em seu todo, com profundidade na Fé, nessa realidade que Deus lhes mostra que podem crescer ou diminuir nela (...) que possibilitem o reencontro de seu Ser sentimental de Deus, para Deus e em Deus, dependência absoluta. Temos que nos decantar dos erros da filosofia colonizada". Sem dúvida, sentipensar e agir em favor da vida, que Deus nos abriga com o não epistemicídio.

De Itapetininga, no nosso querido Brasil, o pesquisador Ivan Fortunato nos conta sobre sua investigação intitulada: dois devaneios didáticos decoloniais, na qual expressa que investiga "sua experiência e inovações em sala de aula, na busca de uma urgente descolonização, a partir das impressões, reflexões e desejos que surgem do trabalho cotidiano de ser formador de professores". E, sem dúvida, como um ser humano sonhador freiriano que segue os passos de uma merecida libertação, ele faz uma "tentativa de organizar os devaneios que assombram a profissão de educador", razão pela qual compartilha no dossiê "dois devaneios didáticos: a substituição do currículo por um cardápio de tópicos e a meta de se tornar um professor dispensável ao longo de uma disciplina do curso de formação de professores". Obrigado Ivan Fortunato por essa maravilhosa investigação energética sobre

o amor pelo ser humano. Por nos acompanhar nesse lindo dossiê que tem muito de nossa jornada e amor pela humanidade.

A brasileira Mércia Miranda Vasconcellos Cunha encerra de forma exemplar a rodada de artigos com sua investigação intitulada: A visão humanizada como condição necessária para a implementação dos direitos humanos, na qual "trata da necessidade de humanizar o ser humano e a visão sobre a proteção dos direitos humanos". A pesquisadora explica que a vida humana não é teorizada, ela é vivida com suas vicissitudes e, claro, com as falsas políticas educacionais que levam ao desrespeito aos direitos humanos. É feita uma revisão bibliográfica que nos permite "concluir que para se alcançar uma efetiva proteção dos direitos humanos, com respeito à humanidade e não apenas à formalidade, é necessário compreender a vida como complexa, heterogênea, plural e buscar se a reprodução e o desenvolvimento da vida"; nas palavras de Brasileira. Obrigado por suas contribuições.

Nas resenhas, aberturas da revista em publicar resenhas do presente dossiê; foram feitas narrativas maravilhosas de textos intimamente relacionados ao dossiê e sua temática, a mulher cristã venezuelana, proponente do dossiê Milagros Elena Rodríguez faz a resenha do livro, do qual é autora, que dá motivação inicial ao propor a chamada temática; Ela afirma que o texto "resgata o pensamento sentimental, especialmente o pensamento sentimental de sujeitos de pesquisa cuja fé é proibitiva, que sabemos que em suas próprias pesquisas não se adequa ao domínio da ciência, que acreditou ser Deus". Incita-nos a pensar sobre a colonialidade da filosofia e a salvaguarda da relação ciência-filosofia-teologia; na qual nos lembra que "o livro da *Transfilosofia Sentipensante* nos convida a entender a partir do cântico desse convite ancestral a começar a usar como ferramentas nossas vozes, pensamentos, ações, folclore, conhecimento puro, uma luta existencial que provoca o casulo da metamorfose, um convite a amadurecer e do qual se ouve o chamado à luta".

O pesquisador colombiano José Alonso Andrade Salazar apresenta uma interessante resenha de um livro clássico de Edgar Morín, intitulada: *resenha do livro: tierra patria de Edgar Morín e Anne-Brigitte Kern*; na qual ele aborda os aspectos mais interessantes do texto e nos convida a lê-lo. A terra como pátria, como lar e abrigo, enfatizando que "a humanidade precisa reaprender a respeitar a natureza, a cuidar dela e a preservá-la entre, através e além das medidas e ações disponíveis para tal exercício, e fazê-lo de forma permanente, intencional e protetora". Nisso, a ecosofia preponderante da transcendência

para além da ultrapassada educação ambiental nos faz um convite ao ecologizado como uma complexificação do ser humano. Convido você a ler a resenha.

O cristão venezuelano José Gregorio Lemus Maestre, pesquisador da Universidad de Oriente, Cumaná, faz uma bela resenha, como amante do legado freiriano, do texto intitulado: *Paulo Freire no Sul. La utopía en la praxis en el centenario de su nacimiento (A utopia na prática no centenário de seu nascimento)*; e nele nos incita a revisitar a possível educação decolonial, recupera na resenha a vida do pedagogo à luz da justiça de sua intencionalidade e exercício da utopia, ação no planeta do amor aos seres humanos; Lemus Maestre expressa que "o texto, rico e profundo em um manancial de concepções, categorias e convites nos oferece ideias, de amor à educação, ao sujeito, à vida e à memória de Paulo Freire não como quem descansa no cemitério e lhe trazem flores para lembrar que está bem morto; mas para comemorar sua obra, dia a dia na ação da sala de aula, das comunidades de suas necessidades e da libertação com a educação, na educação". Convido-os a ler uma resenha documentada no livro que é um exercício de homenagem e convite à libertação do ser humano.

O colombiano Oscar Alfonso Tovar Granados, aluno de tese da Multidiversidad Mundo Real Edgar Morín, México; resenha o livro intitulado: *a decolonialidade planetária apodítica da teoria da complexidade*; um exercício investigativo que ele chama de: *confissões*; no qual atesta que "o livro em questão, desencadeia sensações, palpites, pensamentos, imaginações, atesta aparições mitológicas, apropriações de fé, reconhecimentos de tradições e valorizações das ciências". Portanto, ele declara seu sentipensar e essências divididas no livro; onde sua organização "não é arbórea em seu desenvolvimento, não é plantada como a árvore de forma vertical, estabelecendo hierarquias, pelo contrário, nos mostra rizomas, em que seu crescimento é horizontal" nas palavras de seu confidente. Convidamos a uma leitura desprovida de vícios coloniais que incitam o distanciamento científico do ser humano e de suas complexidades.

A colombiana María Milena Bedoya Echavarría, aluna de tese da Multidiversidad Mundo Real Edgar Morín, México, faz uma resenha muito sincera e maravilhosa do livro: Nela, ela diz que "o *entrelaçamento rizomático dos sistemas numéricos egípcio e maia* deveria ser uma leitura recomendada para todas as pessoas que estão a caminho de um encontro com a matemática, seja da matemática, da graduação ou do contexto, porque deve ficar claro que, no livro, o autor reconcilia todos os seres com a matemática". Sem dúvida, a convergência da matemática egípcia e da matemática maia nos encoraja a acreditar que a matemática, a

ciência herdada da humanidade, pertence a todos, é planetária, da vida e um exercício metacognitivo de alto nível. É urgente protegê-la desde os primeiros níveis educacionais. Obrigado, María Milena, por essa bela resenha.

O autor do livro, o pesquisador de doutorado da Multidiversidad Mundo Real Edgar Morín, no México; o colombiano Sergio Andrés Ospina Sánchez, a uma excelente narrativa na forma de uma resenha intitulada: *a matemática do amor e da amizade*. O autor da resenha faz a seguinte pergunta: *os sentimentos são matematizáveis?* Ele responde de forma excepcional ao dizer que o texto em questão "abre um caminho interessante para abordar a matemática como uma possibilidade de modelar os sentimentos, lembremos que a paixão é estudada como um comportamento, inclusive falando sobre sua duração de acordo com as estatísticas, e a partir daí a construção do amor verdadeiro começa de acordo com esse tipo de pesquisa". Convidamos você a dar uma olhada na resenha em que Ospina Sánchez se emociona e entende *a matemática do amor e da amizade* em seu sentipensar. Fazemos a diferença, sem dúvida, em um dossiê de alto nível cognitivo espiritual e de alto valor investigativo.

Com isso, apresentamos o cerne e a razão da publicação do dossiê: as pesquisas que nos enriqueceram; agora, a despedida se aproxima neste Editorial; e devo dizer que já me sinto nostálgico e clamo pelo reencontro: bênçãos Isagoge sempre aos seus Editores.

III. Concluo com agradecimentos e abraços de despedida, abençoando-os com a graça de Deus.

Concluo este Editorial que foi expresso do singular para o plural, da primeira pessoa para a terceira, que não se compromete com a forma tradicional de enterrar as indagações na voz silenciosa do pesquisador; os métodos disjuntivos da natureza da vida; Gostaria de fazer um agradecimento especial aos Editores da *Revista Isagoge de Ciências Humanas e Sociais*, do nosso querido Brasil, seres magníficos e excepcionais; com o dom da pessoa, eles nos uniram em um dossiê convite, mais uma vez expresso: Professores Sergio Salles e Clara Lopes Salles; e demais membros da equipe editorial! Muito obrigado! Fiquei muito feliz e muito contente com o compartilhamento que ocorreu entre o presente Dossiê.

Declaro que este Dossiê foi produzido com respeito, alegria, sem as propensões da colonialidade clássica dos exercícios de poder; mas tem sido um prazer apreciar o progresso

do Dossiê, como ele está nascendo, emergindo e, ao mesmo tempo, como os Editores da Isagoge e eu, uma amizade que não termina com a publicação do Dossiê; mas que abre caminho para outros projetos que sempre nos reencontram como seres humanos de Deus.

"Que sede de saber o quanto! Que fome de saber quantas estrelas tem o céu!" (NERUDA, 1954, p. 4). Esse é o início do belo poema de Pablo Neruda intitulado: *Ode aos números*. Com ele, assim como no início de minhas primeiras letras e leituras, como uma criança, começo todos os dias a aventura de conhecer o caminho maravilhoso que Deus traçou para mim; a maneira de viver e amar. Agradeço aos autores, sem vocês o Dossiê não seria possível e, ao mesmo tempo, são vocês, com suas contribuições, que embelezam as figuras vivas desta publicação: Obrigado! Continuamos a contar as estrelas em um mundo conturbado no qual devemos deixar rastros, rastros de amor e não de falta de solidariedade.

Sim, na primeira pessoa, sempre ter você, meu amado Deus, é um privilégio de seu imenso amor. Obrigado. No amor de Deus, em busca de sabedoria, recorro à minha essência libertadora dada por Jesus Cristo; por isso, minha gratidão por amor ao meu Pai: Deus amado. "Vós visitais a terra e a regais abundantemente, vós a enriqueceis muito; o rio de Deus transborda de água; vós preparais o seu grão, pois assim preparais a terra" (Salmo 65: 9). Obrigado, meu amado Deus, por sua dádiva de maravilha, que nos concedeu de mãos cheias, na qual, como parte do reino dos céus, representamos com alegria sua sabedoria. *Jesus Cristo é nossa testemunha com Seu magnífico Espírito Santo.*

Referências

- MORÍN, Edgar, CIURANA, Emilio; MOTTA, Raul. *Educar na era planetária. Os desafios da era planetária: o possível despertar da sociedade-mundo*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2023.
- MIGNOLO, Walter. A opção decolonial: desapego e abertura. Um manifesto e um caso. *Tabula Rasa*, Bogotá, nº 8, p.243-282, 2008.
- NERUDA, Pablo. *Odas elementales*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1954.
- RODRÍGUEZ, Milagros, Elena. Re-ligar como prática emergente del pensamiento filosófico transmoderno. *Revista Orinoco Pensamiento y Praxis*, Ciudad Bolívar, Vol. 7, No 11, p.13-35, 2019. <https://doi.org/10.5281/zenodo.3709212>
- RODRÍGUEZ, Milagros, Elena. Rumo a uma teoria decolonial planetária da Educação Matemática Decolonial Transcomplexa. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, Canoas, Vol. 26, No. 1, 01-14, marc. 2021a
- RODRÍGUEZ, Milagros Elena. La decolonialidad planetaria como urgencia de la complejidad como transmetódica. *Revista Perspectivas Metodológicas*, Buenos Aires, Vol. 21, p.1-22, 2021b. <https://doi.org/10.18294/pm.2021.3527>
- RODRÍGUEZ, Milagros Elena. La decolonialidad planetaria como apodíctica de la transcomplejidad. *RECIPEB: Revista Científico-Pedagógica Do Bié, Bié*, Vol. 1, No.1, p.43-57, 2021b. Disponível em: <http://recipeb.espbie.ao/ojs/index.php/recipeb/article/view/41>
Acesso em: 22 de maio de 2023.
- RODRÍGUEZ, Milagros Elena. *Transfilosofia Sentipensante*. Itapetininga: Edições Hipótese, 2022a.
- RODRÍGUEZ, Milagros Elena. Somos natureza na Terra-pátria: visões decoloniais do complexo planetário. *Revista Educar Mais*, Pelotas, Vol. 6, pp. 209-220, 2022b.
- RODRÍGUEZ, Milagros Elena. Decolonialidad del hacer en la decolonialidad del ser y ésta en la del poder y saber: un análisis transmetódico. *Conhecimento & Diversidade*, Rio de Janeiro, Vol. 14, No 32, p. 230-243, 2022c.
- RODRÍGUEZ, Milagros Elena. *A decolonialidade planetária apodíctica da teoria da complexidade*. Itapetininga: Edições Hipótese, 2022d.
- RODRÍGUEZ, Milagros Elena. O sujeito complexo e a vontade: re-ligações ecosólicas. *Revista Educar Mais*, Pelotas, Vol. 7, p.34-47, 2023.

RODRÍGUEZ, Milagros Elena; FORTUNATO, Ivan; ALVES, Osmer. Desiderata de la Educación Decolonial Planetaria en re-ligajes complejos. *EduSer*, Bragança, Vol.1, No.1, p.1-8, 2022. <https://doi.org/10.34620/eduser.v1i1.228>

SEPÚLVEDA, Jessica. Ecosofía: hacia una comprensión de la sabiduría de la tierra desde la noción de "ritmo del ser" de Raimon Pannikar. *Ilu. Revista de Ciencias de las Religiones*, Madri, vol. 33, p. 263-278, 2018.

SOCIEDADES BÍBLICAS UNIDAS. *Bíblia Sagrada*. Caracas: Versão Reina-Valera, 1960.